

# A QUESTÃO DO GÊNERO NAS *PÔNTICAS* DE OVÍDIO

Natália Cristina GROSSO<sup>1</sup>

## Resumo

Este trabalho visa discutir a diferenciação do gênero nas *Pônticas* e nos *Tristes* de Ovídio, considerando que parece haver uma relação contrária e inversamente proporcional entre essas produções do exílio: os *Tristes* pertencem ao gênero elegíaco, com fortes características do gênero epistolar na maioria de suas elegias; as *Pônticas*, ao gênero epistolar, com grandes marcas elegíacas.

Palavras-chave: Pônticas - Ovídio - Epístola

## Resumen

Este trabajo pretende discutir la diferencia del género en las *Pónticas* y en los *Tristes* de Ovidio, considerando que parece haber una relación contraria e inversamente proporcional entre esas producciones del exilio: los *Tristes* pertenecen al género elegíaco, con fuertes características del género epistolar en la mayoría de sus elegías; las *Pónticas*, al género epistolar, con grandes marcas elegíacas.

Palabras-llave: Pónticas - Ovidio - Epístola

## 1. Introdução

As *Pônticas* foram escritas por Ovídio, ou Públio Ovídio Nasão, entre os anos 12 e 16 d.C. e representam a segunda coleção de poemas, logo depois dos *Tristes*, que este poeta nascido na cidade de Sulmona em 43 a. C.<sup>2</sup> escreveu no período em que esteve exilado em Tomos (atual Constanza, na Romênia), na costa ocidental do Ponto Euxino.

Foi no final do ano 8 d.C. que Augusto condenou Ovídio ao degredo, obrigando-o a abandonar Roma, sua pátria, e ir para Tomos. O poeta contava 52 anos de idade e estava na ilha de Elba quando soube da condenação, de acordo com González Vázquez (1992). Só se conhece a

---

<sup>1</sup> Mestranda em Linguística no Instituto de Estudos da Linguagem - Unicamp.

<sup>2</sup> É na elegia IV, 10 dos *Tristes* que encontramos muitas informações sobre a vida de Ovídio antes do exílio. Conte (1994), em sua obra *Latin Literature: a History*, e Herrera Montero (2002), em sua introdução aos *Tristes*; *Cartas del Ponto*, apresentam o que se sabe sobre a vida do poeta sulmonense.

sentença, pois o processo de condenação foi secreto, com a intervenção exclusiva de Augusto, sem a participação do Senado ou de algum juiz.<sup>3</sup>

## 2. Semelhanças e diferenças entre as *Pônticas* e os *Tristes*

Para traçarmos um paralelo entre as *Pônticas* e os *Tristes* de Ovídio, começamos a fazer um levantamento, primeiramente, das semelhanças e diferenças mais evidentes entre essas obras. As duas são muito similares no tocante ao gênero e ao conteúdo, o lamento pela infeliz situação em que se encontrava o poeta. Os *Tristes*, compostos por cinco livros, são poemas elegíacos com características de carta, e as *Pônticas*, compostas por quatro, são cartas em verso, em que se percebe uma “fusão” entre os gêneros elegíaco e epistolar. Se somarmos essas duas produções, temos mais de seis mil e seiscentos versos.

### 2.1 Considerações sobre o assunto

Logo na primeira epístola das *Pônticas*, a similaridade dessas obras produzidas no desterro é ressaltada quando se afirma que são iguais no assunto - lamento pela situação de exilado em que se encontrava o poeta -, mas diferentes quanto ao título (o título latino da primeira é *Tristia*, e o da segunda, *Epistulae ex Ponto*) e, para a insatisfação dos destinatários, seus nomes são revelados nas *Pônticas*, o que não acontece nos *Tristes* <sup>4</sup>:

*Inuenies, quamuis non est miserabilis index,  
non minus hoc illo triste quod ante dedi.  
Rebus idem titulo differt, et epistula cui sit  
non occultato nomine missa docet.  
Nec uos hoc uultis, sed nec prohibere potestis  
Musaque ad inuitos officiosa uenit*<sup>5</sup> (*Pont. I, 1, 15-20*)

Na elegia III, 1 dos *Tristes* e na epístola I, 1 das *Pônticas*, encontra-se semelhança entre os relatos do exílio quando se afirma que suas obras não ousam entrar em monumentos públicos e que o lugar onde estava a *Arte de Amar* agora está vazio:

---

<sup>3</sup> Ver *Trist. II*, 131-132.

<sup>4</sup> Por bem da precisão, é importante dizer que a elegia única do Livro II dos *Tristes* tem como destinatário Augusto, que condenou Ovídio ao degredo.

<sup>5</sup> “Verás que, embora não tenha um título que inspire compaixão, / não é menos triste do que aquele que antes escrevi. / É igual no assunto, o título difere, e a carta informa, / sem ocultar o nome, a quem é endereçada. / E vós não desejais isto, mas não podeis proibir / e a musa vem para vos servir mesmo que não queirais”. (Todas as traduções das *Pônticas* citadas neste texto são minhas.)

*Publica non audent intra monimenta uenire,  
ne suus hoc illis clausurit auctor iter.  
A, quotiens dixi : « Certe nil turpe docetis,  
ite, patet castis uersibus ille locus. »  
Non tamen accedunt, sed, ut aspicias ipse, latere  
sub lare priuato tutius esse putant.<sup>6</sup> (Pont. I, 1, 5-10)*

*Altera templa peto uicino iuncta teatro:  
Haec quoque erant pedibus non adeunda meis.<sup>7</sup> (Trist. III, 1, 69-70)*

*Interea, quoniam statio mihi publica clausa est,  
Priuato liceat delituisse loco.<sup>8</sup> (Trist. III, 1, 79-80)*

O próprio livro, que tem voz na elegia III, 1, I, 1 e IV, 1 dos *Tristes*, também afirma que não pode entrar em templos, teatros, ou seja, no espaço público como é ressaltado novamente na epístola I, 1 das *Pônticas*, comprovando a semelhança entre os relatos do exílio narrados nessas duas obras.

Logo, também nas duas obras, é evidenciado que à *Arte de Amar* já não é mais lícito estar nas prateleiras e que a parte onde ela ficava antes está vazia:

*Quaeris ubi hos possis nullo componere laeso?  
Qua steterant Artes, pars uacat illa tibi.<sup>9</sup> (Pont. I, 1, 11-12)*

*Tres procul obscura latitantes parte uidebis –  
Hi qui, quod nemo nescit, amare docent.<sup>10</sup> (Trist. I, 1, 110-111)*

A alusão que essas obras fazem uma à outra também se evidencia com relação à escolha lexical, pois Ovídio geralmente se denomina *exul* nas duas obras. Vale ressaltar que a sentença considerava o poeta *relegatus* e não *exul*<sup>11</sup>, que são diferentes tipos de exílio do ponto de vista jurídico romano

---

<sup>6</sup> “Não ousam entrar em monumentos públicos, / talvez por acreditarem que seu autor lhes tenha fechado este caminho. / Ah, quantas vezes disse: « Certamente não ensinai nada vergonhoso, / ide, aquele lugar está aberto a castos versos. » / Entretanto não vão, mas, como tu vês, / julgam ser mais seguro se esconderem sob um lar privado”.

<sup>7</sup> “Outros templos procuro ao lado do teatro vizinho: / Também esses não podiam ser por meus pés visitados”. (Todas as traduções dos *Tristes* citadas neste texto foram retiradas da tese de doutorado de Prata, Patrícia.)

<sup>8</sup> “Nesse ínterim, como me é vedado o espaço público, / Seja-me permitido esconder em local privado.”

<sup>9</sup> “Perguntas onde podes colocá-los sem prejudicar ninguém? / Aquela parte onde estavam minhas Artes, tu a tens vazia.”

<sup>10</sup> “Verás três escondidos ao longe num local escuro - / Estes que, como ninguém ignora, ensinam a amar.”

<sup>11</sup> Ver *Trist. II*, 137-138.

da época. Segundo Pérez Vega (2000), a *relegatio* parece aludir a um desterro mais “leve”, pois se conservavam as propriedades e direitos civis. A esposa do poeta, Fábila, pôde desfrutar os bens do seu marido, que não foram confiscados, e Ovídio, como Paes (1997) afirma em sua introdução, não perdeu sua cidadania romana nem seu prestígio de poeta, pois o cônsul Sexto Pompeu providenciou uma escolta militar para protegê-lo dos bárbaros, modo pelo qual os romanos denominavam os que não falavam latim, até o golfo da Argólida, onde o poeta embarcou em outro navio que o levaria a Tomos.

Ovídio, contudo, apenas foi condenado a viver em um lugar distante, mas isso para ele era uma sentença “de morte”, pois foi privado de Roma e de sua família. Mas, como foi afirmado, tanto nas *Pônticas* quanto nos *Tristes*, ele se considera um *exul* em vários momentos:

... *nihil inpedit ortos*

*exule seruatís legibus Vrbe frui*<sup>12</sup> (*Pont.* I, 1, 21-22)

*Mors faciet certe ne sim, cum uenerit, exul;*

*ne non peccarim mors quoque non faciet*<sup>13</sup> (*Pont.* I, 1, 65-66)

*Vade, sed incultus, qualem decet exulis esse.*

*Infelix, habitum temporis huius habe!*<sup>14</sup> (*Trist.* I, 1, 3-4)

*Missus in hanc uenio timide liber exulis urbem*<sup>15</sup> (*Trist.* III, 1, 1)

Se considerarmos somente o caráter autobiográfico da obra, pode-se pensar que, ao se denominar *exul*, Ovídio<sup>16</sup>, em suas elegias, estabelece um *ethos* de sofrimento, uma vez que apresenta seu desterro de forma mais severa e difícil de suportar: o *exilium* implicava a perda das propriedades e os direitos civis. Agindo dessa maneira, ele poderia mover o *pathos* dos destinatários de suas cartas e, considerando que muitos deles eram pessoas próximas a Augusto, logo também poderia, por intermédio deles, despertar um sentimento de comiseração no Imperador e finalmente obter seu perdão ou, pelo menos, a alteração do lugar do exílio. Mas

<sup>12</sup> “...nada impede aos nascidos / de um exilado desfrutar a cidade desde que respeitadas as leis”.

<sup>13</sup> “A morte certamente fará, quando ela vier, com que não seja um exilado / mas também a morte minha culpa não poderá apagar”.

<sup>14</sup> “Vai, mas sem ornatos como convém ser o de um exilado. / Infeliz, exhibe o aspecto desta presente situação.”

<sup>15</sup> “Enviado a esta Cidade, eu, livro de um exilado, chego receoso”.

<sup>16</sup> Quando utilizamos os nomes próprios Ovídio e Nasão para caracterizar a *persona* criada pelo autor nas elegias, não queremos fazer referência alguma ao poeta de “carne e osso”. O uso dos nomes do poeta facilita a exposição, visto as elegias serem narradas em primeira pessoa.

pode-se pensar que ele queira fazer referência a Eneias, o grande exul da poesia augustana, como Prata discute amplamente em sua tese de doutorado.

## 2.2 Considerações sobre o gênero

Conte (1994, p. 341) ressalta que o leitor que se depara com as obras de Ovídio, depois de ver Propércio e Tibulo, se impressiona com a vastidão de sua produção e com a variedade de gêneros utilizados, ressaltando que o poeta sulmonense não exclui, ao “escolher” um tipo de texto, outras experiências poéticas. Hardie (2002, p. 79) também ressalta que os trabalhos de Ovídio confundem e subvertem categorias convencionais.

Essa característica parece encaixar-se perfeitamente em sua literatura de exílio, pois, quanto ao gênero, parece haver uma relação contrária e inversamente proporcional entre as obras: os *Tristes* pertencem ao gênero elegíaco, com fortes características do gênero epistolar; as *Pônticas*, ao gênero epistolar, com grandes marcas elegíacas.

O acentuado caráter epistolar das *Pônticas*, conforme o pensamento de Conte (1994, p. 357), é manifestado de diversos modos: no uso regular de fórmulas apropriadas ao gênero (como o começo e o fechamento da carta), na referência aos destinatários (que são mencionados explicitamente, ao contrário dos *Tristes* onde não parecia haver essa preocupação), e particularmente na densidade de certos *topoi* comuns na literatura epistolar, tais como a ênfase em uma conversação entre amigos distantes, a ilusão da presença apesar da distância, e o conforto apresentado pelo instrumento de comunicação que diminui a solidão do exílio.

Convém ressaltar que parece haver analogia com outro trabalho epistolar, as *Heroidas* (*Heroidum epistolae*), que, além de serem cartas escritas por heróis míticos, também compõem uma poesia de lamento, havendo um paralelismo entre a experiência das mulheres abandonadas pelos esposos ou amantes e o exílio do poeta. Assim como as *Heroidas*, as *Pônticas* também são chamadas de epístolas por seu criador: *Epistulae ex Ponto* - porém sua classificação na prática não deixa de ser complicada já que Ovídio parece “brincar” com os limites desse gênero, mas sem ultrapassá-los.

Para exemplificar, tomemos como exemplo a primeira epístola do Livro I, que o poeta sulmonense endereça a Bruto e explicita que é Nasão o remetente:

*I*

*Brvto*

*Naso Tomitanae iam non nouus incola terrae*

*hoc tibi de Getico litore mittit opus.*<sup>17</sup> (Pont, I, 1, 1-2)

Até esse momento, temos a explicitação em posição de destaque do remetente e do destinatário como em qualquer outra carta. No entanto, no decorrer da epístola, esse destinatário parece ser esquecido. Como o texto é chamado de *epistula* por ele mesmo, o autor parece sentir-se “obrigado” a ter alguém a quem escrever, nesse caso, Bruto.

O que fica claro a todo momento é que se tirarmos o nome do destinatário, as duas obras da literatura do exílio ficam extremamente parecidas. Mas afinal de contas, quem são esses destinatários? Por que eles existem?

Se olharmos atentamente a obra, vamos perceber que a disposição dos destinatários e dos temas nas cartas nos três primeiros livros apresentam uma curiosa simetria, comprovando a engenhosidade do poeta e que ele não estava apenas preocupado em escrever cartas para conseguir o perdão e se livrar do exílio. Herrera Montero (2002, p. 16) apresenta esquematicamente essa simetria:



Desse modo, citando González Vazquez (1992, p. 30), pode-se afirmar que:

<sup>17</sup> “A Bruto / Nasão, que já não é um novo habitante da terra tomitana, / a ti envia esta obra do gético litoral.”

*Essa mistura de temas tão variados, nos quais se combinam as experiências e vivências mais pessoais com a realidade faz com que nos poemas do desterro apareçam fundidos elementos formais, lingüísticos e estilísticos próprios de diversos gêneros literários, constituindo um traço muito característico e original de tais poemas. Deste modo, ainda que os Tristes e as Pônticas pertençam, fundamentalmente, ao gênero elegíaco e epistolar, contêm também muito do narrativo e descritivo, que, em certas ocasiões, se assemelha à poesia didática e em outras parece um poema épico. Igualmente, há paisagens que recordam muito a oratória, a sátira e até mesmo a tragédia, sem que faltem numerosos exemplos de autênticas peças líricas.*<sup>18</sup>

Se pensamos em referências epistolares na Antiguidade, Tin (2005, p. 18) vai afirmar que ela não concebeu nenhum tratado de epistolografia autônomo. As poucas regras sobre a escrita de cartas que nos restaram ou estão dispersas na correspondência do período, ou integram tratados de retórica. A inclusão nesses tratados de capítulos específicos sobre a escrita de cartas pode sinalizar, contudo, a importância que o gênero epistolar passou a ter.

Então, num período que cobre cerca de cinco séculos - desde o século I a.C. até o século IV d. C. -, menções a cartas aparecem nas obras de Demétrio, Filóstrato de Lemnos e Caio Júlio Victor, além das dispersas nas epístolas de Cícero, de Sêneca e de Gregório Nazianzeno. O interesse dessas referências antigas é patente, uma vez que são as primeiras teorizações sobre epistolografia de que se tem notícia e documentação.

Mas alguns traços comuns parecem unir todas as concepções epistolares da Antiguidade: a carta é definida como um diálogo entre amigos e, como tal, deve ser breve e clara, adaptando-se aos seus destinatários e empregando o estilo mais apropriado.

O Anônimo de Bolonha, em seu tratado *Rationes dictandi* (1135), traduzido por Tin (2005, p. 83), ressalta que “uma epístola ou carta, então, é o adequado arranjo das palavras assim colocadas para expressar o sentido pretendido por seu remetente. Ou, em outras palavras, uma carta é um discurso composto de partes ao mesmo tempo distintas e coerentes, significando plenamente os sentimentos de seu remetente.” E divide a epístola em cinco partes:

---

<sup>18</sup> “Esa mezcla de temas tan variados, en los que se combinan las experiencias y vivencias más personales con la realidad hace que en los poemas del destierro aparezcan fundidos elementos formales, lingüísticos y estilísticos propios de diversos géneros literarios, constituyendo ello, asimismo, un rasgo muy característico y original de dichos poemas. De este modo, aunque las Tristes y las Pónticas pertenecen, fundamentalmente, al género elegíaco y epistolar, contienen también mucho del narrativo y descriptivo, que, en ocasiones, se asemeja a la poesía didáctica y otras más bien parece un poema épico. Igualmente, hay pasajes que recuerdan mucho la oratoria, la sátira y la misma tragedia, sin que falten numerosos ejemplos de auténticas piezas líricas.”

**Saudação (Salutatio):** é uma expressão de cortesia que transmite um sentimento amistoso compatível com a ordem social das pessoas envolvidas.

**Captação da benevolência (Captatio benevolentiae):** é uma certa ordenação das palavras para influir com eficácia na mente do destinatário. Isso pode ser assegurado numa carta por cinco modos: pela pessoa que envia a carta, ou pela pessoa que a recebe, ou por ambas imediatamente, ou pelo efeito das circunstâncias, ou pela matéria em questão.

**Narração (Narratio):** é a enumeração ordenada dos fatos sob discussão, ou melhor, uma apresentação dos fatos de um modo que parecem eles próprios se apresentar. Algumas Narrações são simples, outras complexas. Uma Narração simples é a que compreende a exposição de somente uma matéria. Uma Narração complexa é, por outro lado, a que compreende a exposição de várias matérias.

**Petição (Petitio):** parte na qual se tenta pedir alguma coisa.

**Conclusão (Conclusio):** é a passagem pela qual uma carta é terminada.

O Anônimo de Bolonha ressalta que não é necessário trazer obrigatoriamente todas essas partes para que se tenha uma carta.

Se analisarmos as epístolas das *Pônticas*, veremos que essas partes estão claramente presentes, com poucas diferenças de uma carta à outra.

A epístola supõe uma certa distância entre quem fala e quem ouve, e a poesia pode usar mecanismos internos, como a distância dos termos, para provocar algum efeito no leitor.

Esses efeitos podem ser observados nas *Pônticas*, cartas escritas em verso, onde é notório um cuidadoso trabalho com a linguagem, como nas seguintes passagens:

*Naso Tomitanae iam non nouus incola terrae*

*hoc tibi de Getico litore mittit opus. (Pont. I, 1, 1-2)*

Neste dístico, nota-se que o locutor separou o adjetivo “Tomitanae”, que fica ecoando na cabeça do destinatário até aparecer seu substantivo “terrae” somente no final do verso. Ao fazer essa separação, o locutor realça a idéia de que a terra tomitana é muito longe de Roma, fato mencionado durante toda sua obra, e que o envio da obra também percorreria um longo caminho – separação de “hoc” e “opus”, deixando o “Getico litore” entre eles, ou seja, atravessar o gético litoral para chegar a Roma leva bastante tempo.

Numa outra epístola, o locutor passa a sensação da enorme duração do castigo de Tício ao fazer a disjunção de “inconsumptum iecur”:



*Sic inconsumptum Tityi semperque renascens  
non perit, ut possit saepe perire, iecur*<sup>19</sup>. (Pont. I, 2, 39-40)

Ao separar “inconsumptum” e “iecur”, deixando-os no começo e no final da sentença respectivamente, o autor reproduz concretamente na ordem das palavras a idéia de que o fígado é eterno e sempre renasce por mais que seja ferido, ou seja, sempre há um final e um recomeço, e tudo o que ocorre com ele está dentro deste ciclo. A própria extensão e ritmo da palavra *inconsumptum* é significativa, com suas quatro sílabas longas que deixam a expressão mais vagarosa e duradoura.

Desse modo, como comenta Michael von Albrecht em seu verbete *Ovidio* na *Enciclopedia Virgiliana* (vol. III, 1987, pp. 907-909), Nasão é um mestre da transposição de gêneros, fá-lo de forma sutil e elegante, sem quebrar os limites dos mesmos. Em toda a obra do poeta, o confronto entre gêneros é comum. Assim, podemos dizer que as *Pônticas* transcendem seu caráter epistolar e, aparentemente, autobiográfico.

### **Bibliografia**

- CONTE, G. B. “Ovid”. In: **Latin Literature: a History**. Baltimore and London, The Johns Hopkins University Press, 1994, pp. 340-366.
- OVIDIO. **Cartas Pônticas**. Introdução, tradução e notas de Geraldo José Albino. Revisão da tradução: Zélia de Almeida Cardoso. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- \_\_\_\_\_. **Heroidas**. Texto revisado y traducido por Francisca Moya del Baño. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1986.
- \_\_\_\_\_. **Tristes y Pônticas**. Introducción, traducción y notas de José González Vázquez. Madrid: Editorial Gredos, 1992.
- \_\_\_\_\_. **Tristes; Cartas del Ponto**. Introducción, traducción y notas de Rafael Herrera Montero. Madrid: Alianza Editorial, 2002.

---

<sup>19</sup> “Desta maneira, o fígado de Tício sempre renasce intacto/ e não perece para poder perecer muitas outras vezes”.

\_\_\_\_\_. **Cartas desde el ponto.** Introducción, texto de los libros I, III y IV, traducción y notas preparados por Ana Pérez Vega. Madrid: Consejo Superior de investigaciones científicas, 2000.

PRATA, P. **O caráter alusivo dos *Tristes de Ovídio*:** Uma leitura intertextual do Livro I. Campinas, Dissertação de mestrado - Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, 2002.

\_\_\_\_\_. **O caráter intertextual dos *Tristes de Ovídio*:** *uma leitura dos elementos épicos virgilianos.* Campinas, Tese – Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, 2007.

TIN, E. **A arte de escrever cartas.** Campinas: Editora Unicamp, 2005.